

BARCELLOS, 5 de março de 1899

Editor: José F. da Silva

VII Anno

Typographia Barcellense

# A Lagrima

Numero 14

Rua Barjona de Freitas

QUINZENARIO ILLUSTRADO

## JOÃO LOPES DOS SANTOS

O apresentado de hoje é um dos mais sympathicos e intelligentes membros da classe dos solicitadores d'esta comarca.

Um *bon* e um *simples*; um *honesto* e um *trabalhador*—qualidades, que o fazem geralmente estimado e digno da confiança dos seus constituintes.

A «Lagrima» devia esta homenagem ao procurador Santos e honra-se muito em prestar-lh'a.

Na *familia judiciaria* é elle querido entre os que mais o são, pela feição viva e alegre do seu espirito e pela jovialidade do seu trato.

Profissional activo e zelosissimo, com larga pratica das coisas forenses, o cumprimento dos seus deveres está, sempre, em primeira plana e acima de todas as considerações.

É comprehende, como poucos, as graves responsabilidades, inherentes ao seu cargo, que exerce com dignidade e intelligencia, fiscalizando, dedicadamente, os negocios e interesses dos seus constituintes, e o correr dos processos, tendentes á effecividade dos mesmos, frequentando assiduamente os cartorios e ouvindo e procurando as instrucções dos respectivos advogados, com uma insistencia e sollicitude taes, que—n'esta epocha de egoismo feroz e de mercantilismo ganancioso—n'ellas só acreditará quem tenha ensajo de ver e admirar o escrupulo e a verdadeira devoção, com que elle se consagra ao desempenho dos seus deveres profissionais.

É vel-o, ahí, na sua faina diaria, pelo tribunal, pelos cartorios e repartições publicas, sobraçando a sua *pasta*, sempre solícito e attento, tomando os seus apontamentos, pedindo, irstando, requerendo e, enfim, tendo sempre em vista a boa e rapida marcha das questões e negocios, que lhe estão confiados.

É não é só um profissional, zeloso, consciencioso e activissimo; é tambem um estudioso,

um sabedor do *seu officio* e, não raro, um excellentemente auxiliar dos advogados, que, muitas vezes, temos visto ouvirem-n'o com interesse e adoptarem as suas sensatas observações, que, aliás, elle expoe, sempre, pela forma mais commedida e respeitosa, porque, a sobredourar os seus meritos, possue e pratica as normas d'um educado.

Para com o adversario do seu constituinte é um inaccessivel e um intransigente, mas sempre correcto e leal.

...E todavia—se ouve falar n'uma *transacção*—não ha, ahí, ninguem mais propenso a receber a proposta, a remover-lhe os attrictos e, até, a ineitar as *partes* a que a realizem, embora, com isso, sacrifique os seus interesses!...

É uma abnegação digna de registo, por muito rara nos tempos que vão correndo, em que o *interesse* leva ás maiores e mais monstruosas aberrações, e em que vamos assistindo ao naufragar de muita reputação, que se julgava solidamente firmada.

O procurador Santos é um dos que, em o nosso fóro, mais tem que fazer; e este facto, de per si só, completa o

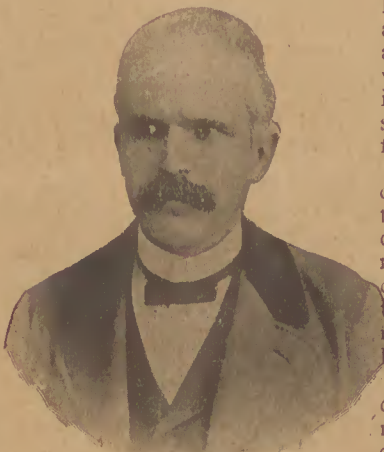
muito que ainda havia a estampar aqui a seu respeito.

Como chefe de familia, é um modelo de virtudes.

A sua maior preocupação é legar aos filhos um nome sem mancha, um nome de que elles, legitimamente se ufanem e orgulhem:

Foi essa tambem a herança—cremos que a unica—que recebem de seus honrados paes

D. C.



## COUSAS VELHAS

Ora quem não conhece aqui em Barcellos o Adolpho Cibrão, um pae ainda tão novo, e um marido, ainda um rapaz cheio de vida, com um caracter tão sério, e com uns modos sym-

## A LAGRIMA

pathicos e a trahentes, que o distinguem no nosso meio burocratico:

E o pae d'elle, o malografo Manuel Pereira Cibrão Junior, que foi sumir-se—em o ventre de uma campá, que o bebeu ainda não novo:

Agora, lo avô do Adelpho, Manuel Pereira Cibrão, ainda ha em Barcellos muita gente, que d'elle se lembra bem.

Aquí e, que eu queria e legar.

Manuel Cibrão era casado com a sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Pereira do Lago, que nascera e fóra educada, na casa que é hoje do meu amigo velho José Joaquim Moreira, ao Senhor da Cruz.

Ao tempo que Cibrão era ainda solteiro, e fazia a côrte á D. Joaquina, escolando com os tacões das botas o lageado do adro do Senhor da Cruz, vivia elle na companhia de André Joaquim Pereira, com estabelecimento de livraria á rua dos Lanterneiros, e com quem justára cama e meza por seis vintens diários.

Não levou muito, que André principiasse a segredar aos seus amigos, que o Cibrão lhe causava prejuizo, porque, dizia elle, tinha um dente preirigiallo, e só do almoço, pouco sobrava dos seis vintens: «quasi janua e ceia de graça», repetia o André lamuriando-se pela exiguidade da diaria.

Por esse tempo o Dourado, de quem tenho fallado aqui n'estas chronicas, e cujo retrato já illustrou «A Lagrima», dava partidas de bisca sueca no seu estabelecimento, que era na casa aonde hoje está a pharmacia Valte. Cibrão era um frequentador infallivel das partidas do Dourado.

Ao formar-se a meza da bisca, Cibrão jogava sempre contra o Dourado, ficando-lhe á direita. O Dourado, que tomava rapé, punha a caixa á direita, e Cibrão, que não gostava menos da pitada, ia-se servindo sempre da caixa ao Dourado, sem lhe dár treguas. Em uma das noites, ou porque Cibrão perdesse, ou porque a *pituita* lhe estivesse mais perinaz, o Cibrão pregou uma *chituda* na caixa do Dourado, fungando-lhe a ultima aresia do rapé.

Dourado, que já não estava contente demais com o socio gratuito da sua caixa, pede licença aos parceiros, e, acto continuo, escreveu a seguinte decima, que foi lida ainda com os biscautes sentados á meza da susca, e recobida entre girandolas de gargalhadas: foi assim:

- «Vem tu cá, ó Joaquina,
- «Rapariga de feição;
- «Vem reprehender o Cibrão
- «De molesta, que não tinha;
- «Allige a caixa minha
- «Em procura do rapé;
- «Bem o diz o tal André,
- «E protesta a toda a gente,
- «Que, de nariz e de dente,
- «Libera nós Dóminu!

E' mais velha do que eu esta excellente *piada*, do inolvidavel patricio nosso, e meu sau lo-so amigo, João Bernardino Rodrigues Dourado; porque não me lembro do Cibrão ser solteiro; e o seu filho mais velho de nome Antonio, que foi para o Brazil, a ser vivo, não será mais novo do que eu.

A primeira vez que eu fui ao Porto em o dia 29 de junho de 1849, na nossa companhia foi o Manuel Pereira Cibrão, que sempre foi alegre e parceiro agradável.

D'essa viagem, que nunca esquecerei, só me resta um companheiro, e o meu velho e respeitavel amigo sr. Manuel José Alves Redondo da Cruz, a quem offereço esta ligeira chronica como desopilante para as suas nostalgias.

*Archeologo*

A esposa d'um muzico da banda Barcelense entende que os instrumentos—conforme a sua qualidade, se são bons ou se são maus—é que dão o direito de chamar-se, por exemplo, primeiro bombardino ou segundo, ao individuo que os toca.

Um dia d'estes, pegando no instrumento do marido, que é 1.<sup>o</sup> clarinetto, disse:

—«Antão estê é o primeiro!»

Estamos a entender que qualquer dia—a proposito—fallando de dous muzicos da banda Barcelense, é capaz de dizer:

—«O Mirólho chama-se primeiro *baixo*, na banda, por ser mais *alto* de corpo o Magalhães, que é o segundo.»

## TRIBUNAL

Pedimos ao Meretissimo Juiz, no ultimo numero da «Lagrima», para ser collocado em logar bem visivel do tribunal o letreiro COMPLETO, quando ali estivessem litteralmente cheias as bancadas destinadas ao publico.

E porque: E' muito facil fazer-o. Vao a dar-se ingresso no sanctuario da lei e a parte reservada ao publico não leva mais um *fabiano* que, por exemplo, somos nós S. ex.<sup>a</sup> victimas a sair.

Ora calculem v. ex.<sup>as</sup> a nossa situação. Nós que tivemos o escrupulo de ir nas *portinhadas*... da correcção.

Uma camelia no peito, na mão linda bengala. Os pés calçados em botinhas de lino polimento. O nosso fato cheirando a agua de rosas, embora as ceroulas amarelladas a tresandar a suor. Ora calculem a cara com que ficamos no dizermos o sr. juiz que nos retiremos...

Alguem aventará que elles disseram, apontando *reciprocamente* para as cabeças:

## A LAGRIMA

Se tivéssemos n'essa occasião ali a namorada, pediríamos a Deus que um raio nos introduzisse pela terra abaixo até á quarta camada geologica, livres de tal vergonha.

... Mas isto sem tempo de senos vêr o trans-torno da nossa physionomia e... a pouca limpeza das nossas ceroulas.

Ainda hontem pedimos ao digno magistrado um favor, e hoje, novamente, o vamos impor-tunar.

Todas as portas do nosso tribunal de maior concorrencia, como as restantes são de abrir para dentro.

E' sabido que os grandes architectos estão de ha muito evitando esse inconveniente, nos edificios de notavel concorrencia!

E' querem saber porque? Na hypothese d'uma sahida inesperada, a massa compacta de po-vo fecha as portas contra que vae. Essas por-tas são n'esses momentos, algumas vezes, con-vertidas em tampa de sepultura.

S. ex.<sup>a</sup>, o sr. juiz, costuma não só mandar isoladamente sair do tribunal cada cidadão—que lá se contenha irrespeitoso—como todos em geral, pelo mesmo motivo.

A forma por que essa evacuação se faz, póde trazer d'aquelles desastres de morte

Remediava-se o mal conseguindo s. ex.<sup>a</sup> o desideratum das portas não abrirem para dentro.

E' nesse sentido que lhe fazemos este pedido. Depois, é só pintar-se um leitreiro—**ABREM PARA FORA.**

Como dissemos, quando o sr. juiz ouve ou vê qualquer cousa que se não case com o res-peito devido ao lugar onde é exercida a justiça, costuma, e muito bem, ordenar um *mandado de despejo* aos assistentes.

Em antes de s. ex.<sup>a</sup> fazer evacuar o tribunal, succede promettel-o...

Para aquelle facto não se dar, os officiaes de diligencias pedem repeito e silencio.

Um d'elles, nas ultimas audiencias, ao pre-senciar rir-se um lavrador, dirige-se-lhe assim:

—«O sr. tenha cautella, olhe que o sr. juiz manda-o evacuar.»

Na penultima semana dous individuos conti-verum-se irrespeitosos nas bancadas e a conse-quencia natural não se fez esperar...

Um d'esses typos era calvo como um ovo, outro possuia farrissima cabelleira.

Ao transporem as portas de sahida do tribu-nal fitaram-se e deram-se a entender que tal-vez o illustre magistrado os fizesse retirar— não por se portarem pouco dignamente—mas pelo cabello e... *descabelle*.



—«Preso por ter cão,  
Preso por o não ter;  
Rua por ser... careca,  
Rua por... o não ser.»

Uma testemunha chamava-se Burro. Um il-lustre advogado, referindo-se-lhe, ao sr. dr. Couceiro:

—«... porque o Burro... sr. juiz...»

O sr. juiz interrompendo.

—«Burro, virgula...»

Ha muito tempo dirigiu-se um homem ao chefe da nossa estação do caminho de ferro e pediu-lhe um bilhete para o Porto, rua das Flo-res, 136.

Vamos vêr em como os proprios n.<sup>os</sup> da rua nos dão aso para espirito.

6 e 3 noves fora nada.

¿Quantos vão? Vac um.

... Que vinha a ser o bruto que ia para o Porto...

Morreu um homem na Silva e veio para a Santa Casa, afin de soffrer uma autopsia.

Soffrer é modo de dizer, que elle não sentia nas carnes o bisturi dos medieos.

Mas vamos ao desejado. O conductor do mor-to exigiu na Misericordia recibo d'elle, morto.

¿Pergunta-se, pois, aos letrados da terra qual seria o sello—correspondente ao defuncto— a applicar no recibo?

O José de Mattos acabou com a luz de gaz acetyllene porque, diz elle, não lhe fazia coce-gas agradaveis na pituitaria, inhibindo-o assim de expandir alegremente aquelles sonóros e atroadores espirros, que são, ás vezes, o ter-ror da visinhança e... freguezias limitrophes.

Vamos protestar energicamente contra tal desobdiencia ás regras do bem estar da socieda-de e dos dilectanti, porque além de uma luz brilhantissima que ali se disfructava, não esta-vamos a cada momento sobresaltados com os tremores de terra e portanto das nossas casas.

O jornalista José da Silva, de Barcellinhos, sabe alguma sciencia pratica de regos e de feijões.

E' porisso que elle diz, fallando d'uma se-mente que não devia ser lançada á terra no tempo de muita neve, dando isso em resultado ella deixar de nascer.

—«En coizas possiveis gosto de ver, lá des-impoveis não.»

O padre Caniçada—que já passou as gambias á vida—sobre o *metaphysico* não era conversador, guardava as horas de ocio antes para pala-vrear a respeito de factos que se prendessem com o *futo* (tripas, estomago, etc.)

Era aquilo de «comer» e «descomer», dentro das *possibilidades* d'aquelle fallecido ô.re.

Projecta-se para breve, um certamen de elegancia masculina, no Porto.

Segundo ouvimos, e cremos com visos de verdade, são con-correntes d'aquí os srs. João Minciro e Paes de Faria. Attenta a egualdade entre os dois concorrentes, crêmos que serão os primeiros premiados.

Se não a vigiam, eil-a descansada.  
Anda o pedal, move-se tudo.  
Tem forma de meza, motor recortado.  
Todas as moleculas  
Se vêem girar.  
Uma é aguda, salta para o ar.  
Passa e repassa  
Com muita graça.  
Leva consigo baba de aranha  
Para segurar.  
E tem por fim ligar, cousolidar,  
Todos os fragmentos que mão habil  
Soube separar.

Decifração da ultima advinha—LINGUA.

Theatro Boa-União ou mesmo Companhia Har-monica, que é quasi a mesma cousa, vem a ser uma *troupe* de artistas dramaticos, comicos e... châmicos—como diria o Vergelin—dirigi-da pelos actores José Pedro e Fernandes.

Este ultimo pegou de estaca em Barcellos, e não ha meio de o arrancar d'aquí, tal o seu amor por esta terra e... pelo seu vinho—pois elle é filho de Noé, como nós.

... Isto é; o Fernandes é filho do Porto ou mel-hor, da mãe d'elle (d'elle Fernandes.)

Pois esses *harmonicos* artistas, n'uma *união* de unha com carne—não de... *unhadas*—pro-mettem fazer successo, n'esta villa.

Em duas recitas, unicamente, tem cabido Troya em enthusiasmo.

E' de notar.

As filhas pedem theatro ás mães e os filhos aos paes, como as creanças costumam pedir oleo de figados de bacalhau... Em altos gritos.

Esse enthusiasmo não tem só parado na filha-rada dos paes, da terra.

Uma sopeira gaiata tão obsecada estava pe-la ideia de assistir ao «Saltimbanco», que, sem tirte nem guarte, julgando lançar-se nos braços da patrôa para lhe pedir que a deixasse ir com ella ao Boa-União, caiu nos braços do patrão.

D'um *gajo* sabemos nós que não tendo conse-guido ingresso gratuito no theatro, disse: «Ah! sim! Pois tendo-me empenhado tanto para ir de *borla* não arranjo nada... Então vou empen-bar o frak...»

E lá o vimos em mangas de camisa, na geral.

Hoje representa-se o «Leonardo, o Pescador», drama que faz vir ao eího a lagrima mais repo-lhuda.

O Adolpho, o *Sarilho*, amador de *chupêta*, promette com o «Pão fresco», que já é velho no exito, fazer uma especie de *sacca-rolhas*.. perdão, gargalhadas, ao mais grave espectador Ao theatro!



Mo theatro: clero, nobreza e povo

As portas do theatro abrem para fóra.

O panno de bocca representa a vista das Torres, Collegiada, etc. Dentro da Collegiada está o Zé da Mãe—que não se vé.

As pessoas que tenham um só olho, pagam o mesmo como as de dous, para se evitar questões.